



DOR DE EXISTIR, TRISTEZA E GOZO

[Clique aqui para ampliar](#)

VIEIRA, M. A. . Dor de existir, tristeza e gozo. In: Almeida, C.; Moura, J. M.. (Org.). A dor de Existir. 1 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997, v. , p. -335-343.

Marcus André Vieira

O sintagma «dor de existir» é utilizado por Lacan em alguns momentos de seu ensino e, como acontece freqüentemente, a leitura lacaniana desloca esta expressão de seu sentido habitual e situa-a em um novo campo discursivo. Tentarei circunscrever esta leitura, examinando suas conseqüências mais diretas no que diz respeito às relações entre a dor de existir e a tristeza. Para tanto, vou apoiar-me sobretudo no seminário sobre o desejo, que reúne a maioria das referências de Lacan a esta noção, as quais aparecem sobretudo no seu comentário de um sonho citado por Freud em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* e na *Interpretação dos sonhos*. O sonho em questão pode ser resumido em uma frase: após sua morte, um pai aparece a seu filho agindo como se estivesse ainda vivo e sem saber que falecera. Poderíamos denominá-lo «sonho do pai morto» em oposição ao sonho do filho morto, do qual falaremos mais adiante, e que foi também objeto de uma leitura minuciosa por Lacan. A análise deste sonho vai se desenrolar ao longo de várias sessões do seminário. Apesar de organizar-se em torno de um fio condutor claro, qual seja, uma investigação sobre o estatuto do desejo com relação à negatividade, ela constitui um comentário imensamente rico que aborda temas diversos. Restringiremos nosso percurso apenas aos desenvolvimentos lacanianos diretamente associados à articulação entre a dor de existir e a tristeza.

O SONHO DO PAI MORTO

Retomemos o sonho e sua interpretação tal como Freud os situa na *Interpretação dos Sonhos*:

Seu pai estava outra vez em vida e falava-lhe como de hábito, mas (coisa estranha) estava realmente morto, só que não o sabia. Este sonho se torna inteligível se, após «ele estava realmente morto», inserimos «*de acordo com o desejo do sonhador*», e em seguida «*só que não sabia*», *que o sonhador tinha este desejo*. O filho, durante o tempo em que cuidava de seu pai, tinha freqüentemente desejado sua morte; para ser exato, ele tinha tido um pensamento caridoso: «a morte deveria colocar um fim a seus sofrimentos»¹.

A restituição do enunciado «de acordo com o desejo do sonhador» constitui a interpretação do sonho, situando-o ao mesmo tempo enquanto realização de desejo (de morte do

pai, veiculado pelo sonho e materializado pela presença da imensa dor sentida pelo sonhador, que constitui seu castigo). Deve-se porém evitar uma certa leitura redutora, e bastante difundida, do texto freudiano. Segundo esta leitura, a interpretação do sonho corresponderia a fazer passar o desejo edipiano de morte do pai, do inconsciente ao consciente, de forma a restituí-lo ao sonhador. Além de reduzir o desejo a um simples nome da pulsão, esta leitura pressupõe um sujeito arcaico do desejo/pulsão, anterior ao discurso, que daria fundamento ao sonho. Um tal sujeito protopático é porém uma ilusão: alguém quer matar o pai, mas quem é este alguém? Onde ele está? Se não é o sujeito do texto manifesto do sonho, seria um sujeito inconsciente? Podemos assimilá-lo totalmente ao sonhador? Podemos ainda nos perguntar: alguém se satisfaz neste sonho, mas quem se satisfaz? Constatamos então que sem descartar este tipo de leitura, que situa a verdade do sonho em um sujeito das pulsões anterior às palavras e que teima em se colocar fora de alcance, finalmente não sabemos mais onde situar a verdade a não ser colando-a ao saber do analista. É o que lembra Lacan: «à medida que nos afastamos do discurso, onde se inscreve a autenticidade da relação analítica, a interpretação depende mais e mais exclusivamente do saber do analista»². A interpretação de Freud, por outro lado, apesar de associar-se a um saber, restitui algo da verdade do sujeito e não de um saber pronto do analista, donde seu efeito. A interpretação indica o lugar do sujeito. Lacan lembra então que neste sonho este lugar é ocupado pela dor, a dor de existir.

DA DOR

Com efeito, neste sonho Lacan situará o desejo a partir da introdução de uma oposição entre este e algo que ele designará como dor de existir. A dor de existir insere-se em um contexto extremo. Ela se dá a um «sujeito que, após ter esgotado, sob todas as formas, a via do desejo, encontra-se em um ponto onde ele não tem mais nenhuma exclamação a proferir a não ser o *me funai*» («melhor não ser», não ter existido) de Édipo em Colona. A esta altura do ensino de Lacan, um ano antes do seminário sobre a ética da psicanálise, estamos num momento onde não se trata ainda explicitamente de Antígona. Esta dor entretanto já concentra toda a dimensão trágica da ultrapassagem da linha dos bens, seguindo uma via que leva à vociferação de Édipo. O *me funai* edipiano assinala um ponto extremo onde o sujeito se desprende das últimas amarras significantes que o sustentavam, e depara-se com o termo último de sua existência. Paradoxalmente, é exatamente a via do desejo que conduz a este ponto-limite, limiar do real. O desejo aponta para um mais-além dos objetos mundanos, e, neste sentido, ele conduz a uma zona onde o gozo inscreve-se como o desaparecimento do desejo. É este o drama de Antígona, castigada por haver insistido em trilhar a via que conduz à Coisa. «Esta dor de existir, de existir quando o desejo não está mais presente, é o castigo de ter-se existido no desejo».³

«Esta dor de existência quando nada mais habita o sujeito a não ser a própria existência ...» é o que parece ameaçar o filho no sonho, pois este encontra-se num momento crítico descrito por Lacan da seguinte maneira: «Trata-se de um desejo que não é um desejo qualquer, mas sim o desejo de morte do pai, desejo fundador, fina passarela graças à qual o sujeito não mais se sente diretamente invadido, engolido, pelo que se abre a ele como hiância, como confrontação pura e simples com a angústia de morte. Sabemos que a morte do pai, a cada vez que ela se produz, é sentida pelo sujeito como o desaparecimento deste escudo que se interpõe, se substitui, ao mestre absoluto, **ou seja**, a morte». ! ! ! ! ! ! !

DA EXISTÊNCIA

A morte do pai faz vacilar o simbólico, abrindo perigosamente as portas do real. O sonho em questão vem restaurar esta fratura. O recalque opera uma reestruturação da ignorância habitual deste ponto de real, coordenado à castração, repelindo esta dor que não pode e não deve ser sabida (claro está que «saber» neste caso deve ser entendido diferentemente de uma tomada de consciência). O sujeito deve manter a qualquer preço esta ignorância «que lhe é absolutamente necessária e que consiste em não saber que é melhor não ter nascido». Lacan indica então que o sonho tanto presentifica este real como o afasta. Através da elisão do enunciado «de acordo com seu desejo» a castração se faz presente mas é situada sobre o pai, que não sabe (que o filho desejou sua morte, que a vida é uma morte, etc). Graças à operação significativa do recalque a dor de existir, a dor do saber sobre a castração, que não pode ser subjetivada, poderá ser vivida sob uma forma reconhecível, de tristeza. O significativo do desejo foi elidido o que permite preservar seu lugar. Essa operação faz com que aquilo que era pura e insuportável existência (estúpida e inefável existência, dirá Lacan mais tarde) torne-se algo reconhecível e até mesmo reivindicado pelo sujeito, o afeto. A existência torna-se dor, ou melhor, a dor de existir torna-se tristeza, algo passível de uma formulação subjetiva e de um enquadramento imaginário. A dor de existir dá-se assim sob a forma de afeto, fazendo com que aquilo que está para além do sentido entre em seu quadro. A dor de existir só é subjetivada a partir de sua incorporação afetiva, efeito do recalque e da constituição do desejo, o que, ao mesmo tempo descarta-a enquanto tal.

Pode-se então contrapor este sonho ao sonho do filho morto analisado no seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Neste sonho o filho reaparece para recriminar seu pai por ter adormecido e descuidado de seu corpo, o qual uma vela tombada ameaçava incendiar («pai não vêes que queimo?»). A comparação dos dois sonhos revela sua complementaridade na tradução dos processos em jogo sendo que cada um deles enfatiza uma vertente específica deste processos. O sonho do filho morto intervém após a perda de um ser que havia adquirido o brilho fálico do objeto do desejo, ou seja, o filho. As palavras do filho, colocado em cena no sonho, correspondem então às «palavras do objeto», constituindo um ponto de real que acorda o sujeito através da angústia apenas para continuar a dormir. A invocação do filho morto é então assimilada por Lacan ao real introduzido pelo significativo e toda sua interpretação deste sonho vai centrar-se sobre a idéia de que a realidade do sonho é bem mais real que a vigília. Enquanto este sonho tem o efeito de um despertar, o sonho do pai morto, intervindo após a perda deste escudo contra o real que é o pai, restaura aquilo que permite ao sujeito proteger-se do vácuo do puro existir, ou seja, seu desejo. Neste caso, a aproximação do real representada pela dor de existir não chega a constituir-se em uma irrupção que levaria a um despertar (para o real) pois ela é tamponada pela subjetivação da dor de existir em tristeza.

DA TRISTEZA

Deve-se então opor a dor de existir à tristeza, retirando da primeira toda conotação que aproxime-a daquilo que Lacan descreverá no ano seguinte como o campo do mundo dos bens, do útil e da significação, daquilo que faz sentido para o sujeito e para seu semelhante. Deve-se também distingui-la de tudo aquilo que a levaria a ser considerada como dor moral, referida à existência do sujeito enquanto essência. As coordenadas existencialistas devem ser colocadas de lado pois a utilização lacaniana deste termo é totalmente diversa. Não se trata de considerar uma existência que precede e configura a essência, tal como supunha Sartre, mas fundamentalmente de descartar toda essência, até mesmo a essência do ser, o que nos afasta também de Heidegger. O termo «ek-sistência» comportando um hífen, introduzido por Heidegger na sua *Carta sobre o humanismo* afim de distinguir-se da utilização deste termo pelo existencialismo também não tem

lugar aqui. A ek-sistência para Heidegger é a abertura do ser, espaço onde desenrola-se a busca de sentido do *Dasein*, campo do simbólico por excelência. A existência da qual nos fala Lacan aqui (e que será melhor traduzida ulteriormente por ex-sistência) situa-se em um ponto relacionado ao real, anterior ao ser. O grito de Édipo transporta-nos a esta dimensão através da recusa da existência numa dor sem essência. Podemos mesmo supor que o abandono desta expressão por Lacan na continuação de seu ensino seja devido a esta promiscuidade terminológica com Sartre. Com efeito, Lacan vai procurar purificar esta noção de toda impregnação imaginária teorizando-a de maneira progressiva a partir da conceituação **da noção** de gozo que é a legítima herdeira da dor de existir.

DA ANÁLISE

Podemos conceber então que o caminho da análise constitui-se na direção de uma dessubjetivação da tristeza, ou seja, na descoberta, sob as figuras inertes das formas deprimidas do sujeito, a força de uma dor de existir sem sujeito. Isto não quer dizer que o analista propõe ao deprimido algo como «esqueça sua tristeza porque ela não é sua, é do mundo» (entenda-se por mundo, seu corpo, seu cérebro, seus receptores de serotonina, etc). Este tipo de proposta, onde ressoam as coordenadas cartesianas de oposição corpo *vs* alma, é contraditória com o percurso da análise, que aproxima-se mais da profunda implicação spinozista do sujeito com aquilo que ele experimenta vindo, aparentemente, do mundo, e que funda uma exortação ética. Deve-se bem pensar (bem-dizer, dirá Lacan) para reorientar a paixão. O Bem-dizer significa inicialmente assumir sua tristeza, implicar-se na manifestação de seus sentimentos. Isto não quer dizer tampouco que a análise agravaria a depressão, como se ouve frequentemente, por aumentar a dimensão da culpa. A noção de implicação subjetiva deve ser distinguida de uma catarse confessional pois ela confere ao analisante uma autonomia que está longe de ser paralisante e que lhe permitirá percorrer e evacuar o circuito de seus significantes mestres desfazendo os grilhões imaginários de sua tristeza. Torna-se possível, a partir daí, o encontro com o gozo de seu sintoma que comporta a medida do peso de uma configuração subjetiva singular e ao mesmo tempo da leveza da abertura à contingência radical do real.

Estas considerações permitem-nos sentir ainda o impacto da teorização do gozo no terreno das psicoses, e isto sob um ângulo relativamente pouco explorado, o do binômio mania melancolia. Interrogou-se frequentemente na clínica psiquiátrica dita clássica sobre o caráter artificial da alegria maníaca. Toda uma linha de autores (de Kraft-Ebing a Clérambault) distinguiu formas excitadas de mania onde a alegria era acessória indo até a destacar, sob a aparência de alegria inebriante do maníaco, um fundo de aceleração incontrolável e violenta. Através do que foi visto compreendemos que a mania está para a alegria como a dor de existir está para a tristeza, ou antes, que o gozo que arrasa o sujeito e elimina-o no desenrolar incessante da torrente verborrágica da mania situa-se em relação à alegria (como euforia de completude tal qual o neurótico a vive) a uma distância análoga à distância entre a dor moral subjetivada em tristeza e a dor de existir enquanto gozo aniquilador que trancafia o melancólico em seu corpo, presa de um terror coagulado.⁴

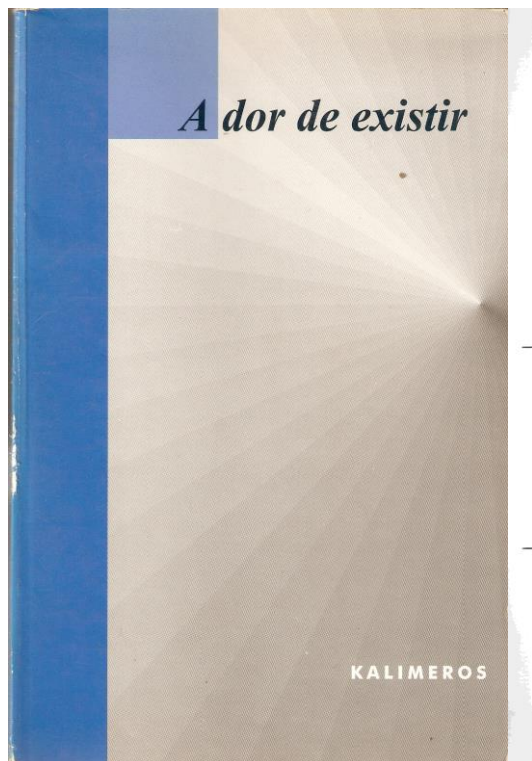
Marcus André Vieira
Rua Gago Coutinho 66/802
22221-070 Rio de Janeiro-RJ
285-4707 e 995-6889

¹ FREUD, S. *L'interprétation des rêves*, Paris, PUF, 1967, p. 366 (a tradução é minha).

² LACAN, J. *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 337.

³ LACAN, J. *Le Séminaire* Livre VI, (inédito), aula de 7/1/59, as citações que seguem são todas da mesma aula.

⁴ A teorização lacaniana do gozo, «corporificado» mas não subjetivado, contribui ainda para esclarecer a ligação entre mania e melancolia, que poderei somente indicar aqui. A resposta de Lacan a esta questão, que atravessou o século, é dupla. Primeiramente, e foi o que vimos aqui, estas affecções dividem um mesmo fundamento, a dor de existir sob sua face mortífera, para além das figuras de alegria e de tristeza (estas limitam-se neste caso a uma aparência afetiva tomada emprestada ao imaginário da paixão, restringindo-se a um verniz emocional imaginário que dá um arremedo de forma e de contenção a um gozo avassalador). Em segundo lugar, e esta é uma via que conduz à *Televisão* e que não poderemos explorar aqui, elas são a expressão de um mesmo pecado, diametralmente oposto ao pecado de Antígona. Elas são o resultado, não de insistir-se na via do desejo até seu limite, mas sim de se haver ingressado nela de maneira incompleta devido ao que Lacan denomina de recusa (*rejet*) do inconsciente. Trata-se de uma outra maneira de designar a forclusão desnudando a falha do simbólico na psicose sob um aspecto específico que responsabiliza o psicótico por não dispor de um pai solícito como o do sonhador de nosso sonho, sempre pronto para restaurar a via do desejo, mas sim de um Deus copulador, incessantemente prestes a gozar. Cf. quanto a este ponto VIEIRA, M. A., Sur la manie, *Pas-tant* n° 34 (déc. 1993), Toulouse, pp. 53-62.



Copyright © 1997, Kalimeros

Organização Geral

Consuelo Pereira de Almeida, José Marcos Moura e
Núcleo de Pesquisa sobre a Psicose (NUPP)
da Escola Brasileira de Psicanálise
(Coordenação - Antonio Quinet)

Conselho Editorial

Maria Anita Carneiro Ribeiro,
Maria da Glória Maron e Sonia Alberti

Projeto Gráfico e Preparação

Contra Capa

A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia /
Kalimeros - Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro. Consuelo
Pereira de Almeida e José Marcos Moura (Orgs.) - Rio de Janeiro:
Contra Capa Livraria, 1997.
384 p.; 14 x 21cm

ISBN 85-86011-05-3

I. Psicanálise. 2. Melancolia. I. Almeida, Consuelo Pereira de, org. II.
Moura, José Marcos, org. III. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise.
IV. Título.

CDD 150.195

1997

Todos os direitos desta edição reservados à

Contra Capa Livraria Ltda

<ccapa@easynet.com.br>

Rua Barata Ribeiro 370 - Loja 208

22040-000 - Rio de Janeiro - RJ

Tel (55 21) 236-1999

Fax (55 21) 256-0526

Conexões - parte quatro

A dor de existir em Florbela Espanca 329

Elizabeth da Rocha Miranda

Dor de existir, tristeza e gozo 335

Marcus André Vieira

Vinte quatro horas na vida de uma mulher 343

Eliane Schermann

Prova de não existência 353

Vera Pollo, Maurício Rossi, Roberta Giovana de A. Martelo

Gala Salvador Dali: o amor recobre a dor de existir 365

Ana Marília Wilson Maia